USA Today Bestselling Author

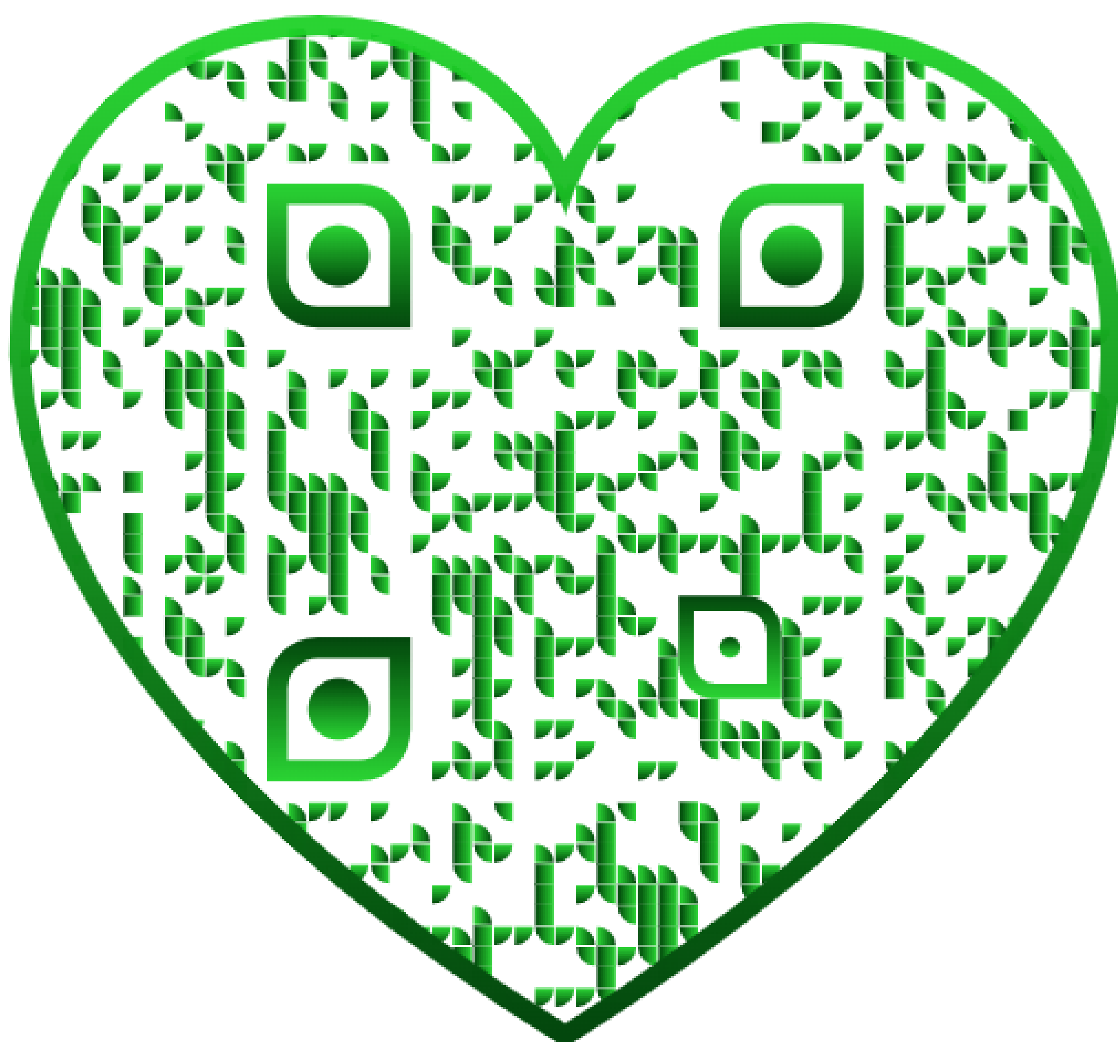
JENNIFER ESTEP

FIRST FROST



A Mythos Academy Novel

"In this Urban Fantasy surviving high school means staying alive!"
—*New York Times* bestselling author KERRELYN SPARKS



FIRST FROS

A Mythos Academy Novel

JENNIFER ESTEP

Papyrus
Traduções de Livros



Tradução/Revisao: Joana

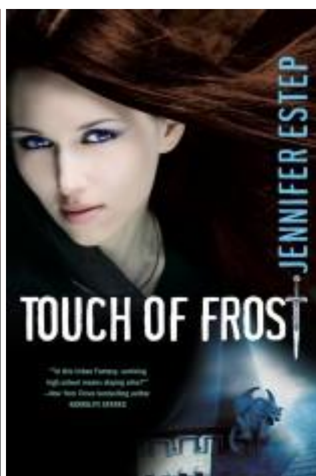
Formatação: Shadow Hunters

Qui sait beaucoup ne craint rien.

"Do muito saber vem o nada a temer."

A série Mythos Academy:







Livro 0.5: First Frost   Livro 01: Touch Of Frost   Livro 02: Kiss Of Frost

Sinopse:

MEU NOME É GWEN FROST, e eu tenho um dom Cigano. É chamado de psicometria – que é uma maneira elegante de dizer que eu vejo imagens na minha cabeça e tenho flash das memórias de outras pessoas saindo de quase tudo que eu toco, até mesmo os garotos.

Meu dom me faz um tipo de intrometida. Ok, ok, talvez muito intrometida – ao ponto da obsessão algumas vezes. Eu quero saber tudo sobre todos ao meu redor. Mas mesmo assim, eu não quero saber o segredo que a minha amiga Paige está escondendo ou a terrível perda que irá me mandar para uma nova escola – Mythos Academy, onde os professores não estão nos preparando para o vestibular, mas para a batalha dos Ceifadores do Caos. Agora eu não tenho amigos e nenhuma idéia de como o meu dom está em sintonia com todos esses jovens magos guerreiros. A única coisa que eu sei é que a minha vida nunca, jamais será a mesma...

Ps.: First Frost não é um livro, e sim uma introdução ao primeiro livro da série *Mythos Academy, Touch Of Frost.* Na verdade, First Frost é um capítulo único, mas foi dividido em três,para facilitar a compreensão do leitor.



O começo da série Mythos Academy

capítulo UM

— **EU POSSO PEGAR EMPRESTADA** a sua escova de cabelo?

Paige Forrest encarou o longo espelho montado sobre a fileira de pias que revestia uma parede do vestiário das garotas. A aula de educação física tinha terminado três minutos atrás, e todas as garotas estavam ocupadas arrancando as suas suadas camisetas e short e se trocando para dentro das suas roupas de verdade — o jeans justo e apertado, top recortado que elas vestiam para se impressionarem, umas as outras e, o mais importante, aos garotos bonitinhos da Escola de Ashland.

Todos exceto Paige, que permanecia congelada na frente do espelho. Ela era linda com seu longo cabelo preto e pálidos olhos verdes, mas eu não achei que Paige estivesse olhando para si mesma com a vaidade normal de uma garota de dezesseis anos de idade. Por uma, Paige não estava aplicando uma nova camada de brilho labial ou rímel ou cobrindo seu rosto com reluzente pó compacto como as outras garotas abarrotadas no espelho estavam. Ela não estava fofocando com as garotas a sua volta ou se perguntando que nojenta misteriosa refeição cinza estava para ser servida na lanchonete hoje. Ela não estava sequer mandando mensagens no seu celular ou checando suas mensagens.

Não, Paige estava inclinada sobre a pia e olhando para dentro dos seus próprios olhos como se ela pudesse ver algo em si mesma que ninguém mais poderia — algo horrível, pela dolorosa, distorcida expressão no seu rosto.

O olhar me fez querer saber o que ela estava escondendo.

Eu era uma espécie de intrometida dessa forma. Tudo bem, tudo bem, então eu era muito intrometida dessa força. Tudo bem, tudo bem, então eu era excepcionalmente, excessivamente, incontrolavelmente intrometida — ao ponto da obsessão algumas vezes. Eu queria saber tudo sobre todos a minha volta. Porque? Bem, eu culpava o meu dom Cigano.

Eu era uma Cigana com magia psicométrica. Um jeito simpático de dizer que eu via imagens na minha cabeça e tinha flashs das memórias de outras pessoas e sensações de quase tudo o que eu tocava. Um colar favorito, um livro amado, uma foto querida de uma viagem de família à praia. Eu podia captar a vibração de qualquer coisa com que alguém tivesse uma ligação pessoal ou conexão, e eu podia ver e sentir exatamente o que a pessoa tinha sentido sempre que ela usou aquele colar, leu aquele livro, ou olhou para aquela foto.

Eu não sabia exatamente porque eu tinha a magia ou porque eu era até mesmo considerada uma Cigana em primeiro lugar, mas eu gostava do poder que minha psicometria me dava. Eu gostava de saber o que qualquer um a minha volta estava realmente pensando, se uma garota era verdadeiramente minha amiga ou falava de mim por trás nas minhas costas ou se um garoto realmente estava interessado em mim ou estava na realidade pensando sobre outra garota ao invés disso. Como Drew Squires, o meu único namorado. Graças a minha psicometria, eu tive um clarão enquanto nós estávamos nos beijando e senti que ele fingia que eu fosse a Paige. Eu o larguei no mesmo local.

Yeah, algumas vezes as coisas que eu via e sentia machucavam, mas eu ainda amava saber os segredos das outras pessoas. E ao julgar pelo estranho olhar no seu rosto, Paige estava escondendo algo — algo grande.

— Paige? — Eu perguntei novamente, um pouco mais alto dessa vez, minha voz aumentando sobre a falação das outras garotas, os guinchos de sapatos no piso, e o constante bater das portas dos armários.

Paige parcialmente voltou ao normal de qualquer que fosse o transe em que ela estivesse e encontrou meus olhos no espelho.

— Gwen? Gwen Frost? — Ela perguntou em um torpor, quase como se ela não me reconhecesse.

Eu olhei para o meu próprio reflexo no espelho. Claro, meu cabelo castanho ondulado estava em uma solta, bagunça suada nesse momento, o qual era o porque de eu querer a escova de cabelo de Paige para começar, então eu podia puxar meu cabelo para trás em um rabo de cavalo. Minha pele branca de inverno estava completamente corada e suja da tentativa de jogar basquete durante as aulas de educação física, e meus olhos de cor violeta tinham uma aparência um pouco estranha para começar. Tudo bem, tudo bem, meus olhos tinham uma aparência muito estranha.

Mas Paige e eu íamos para a escola juntas desde o jardim de infância. Algumas vezes nós até mesmo saíamos quando nossos amigos em comum se reuniam no final de semana. Ela deveria saber exatamente quem eu era — especialmente uma vez que me contratou para encontrar o seu celular desaparecido.

Celulares, chaves, carteiras, laptops, sutiãs amassados, e um monte de cuecas boxers. Pelo preço certo, os jovens da Escola Ashland me contratavam para encontrar coisas que estavam perdidas, roubadas, ou por outro lado não onde eram para elas estarem. Yeah, eu usava meu dom Cigano para fazer dinheiro extra ao invés de lutar em algo grande, antigo e demoníaco com a minha magia. Me processe por ser uma empreendedora e não querer trabalhar em algo mergulhado na gordurosa fast-food como os outros jovens faziam.

Graças a minha magia psicométrica, era fácil para eu encontrar coisas. Normalmente, tudo o que eu tinha que fazer era correr meus dedos sobre a mesa da garota ou olhar através da sua bolsa para obter uma boa idéia da onde ela poderia ter deixado o seu celular ou largado o seu bracelete favorito. E se eu não visse imediatamente onde o objeto perdido estava, então eu continuava tocando a coisa

até eu conseguir. Tipo como Nancy Drew[1] seguindo uma trilha de migalhas de pão psíquico para onde quer que elas a guiassem.

As pessoas deixavam vibrações psíquicas *em todos os lugares*, em tudo que elas tocavam, e aquelas vibrações revelavam tudo desde o que elas tiveram para o almoço ao que realmente pensavam do novo namorado das suas melhores amigas. Na maior parte do tempo, a garota ou pensava secretamente que o cara era um total babaca ou ela o queria para ela. Tudo o que eu tinha que fazer para explorar essas vibrações, para ver a ação das pessoas, para sentir suas emoções verdadeiras, para descobrir seus segredos, era esticar meus dedos e tocar todos os objetos ao meu redor, grande e pequeno.

No caso da Paige, ela me prometeu vinte pratas se eu pudesse encontrar o seu celular antes da sua mãe perceber que ele estava perdido. Então duas semanas atrás, depois da escola, eu fui até a casa de Paige, andei por todo o seu quarto, e corri meus dedos sobre sua mesa, estante, e mesa de cabeceira. Na maior parte das vezes, imagens de Paige preencheram minha mente –sentada na sua mesa fazendo dever de casa, olhando para a coleção de contos de fadas que ela amava ler, escondendo alguns Oreos na parte detrás da sua mesa de cabeceira, apesar de que não era para ela ter doces. Todas as coisas que ela fez em seu quarto regularmente e todas as emoções que as acompanhavam –maçante tédio sobre seu dever de casa, brilhante felicidade olhando para os livros, boba satisfação em esconder seu favorito deleite bem debaixo do nariz de sua mãe.

Paige pensava que eu era um pouco estranha, marchando para trás e para frente de um lado ao outro do seu quarto e cutucando todas as suas coisas, mas eventualmente, outra imagem tinha estalado na minha mente, uma da irmãzinha de Paige roubando o celular da mesa de cabeceira para que ela pudesse mexericar através das mensagens de texto de Paige. Eu disse a Paige o que eu vi, e com certeza, nós descemos o corredor para o quarto da sua irmã e a encontramos usando o celular roubado.

Paige piscou, finalmente livrando-se do resto do seu torpor.

— Gwen Frost —, Ela murmurou de novo, sua voz um pouco mais forte dessa vez.

Ela se afastou do espelho, e seus olhos caíram para o banco de madeira que eu estava sentada. Paige já tinha arrumado seu cabelo, o qual parecia liso e perfeito

---

[1] (é uma personagem da famosa série com o mesmo nome, onde a Nancy é uma detetive adolescente que desvenda misteriosos crimes)

como sempre, e ela abaixou sua escova ao final do banco, menos do que trinta centímetros de distância da minha mão. Paige olhou e olhou para a escova de cabelo, seus olhos verdes brilhando e reluzindo, e ela tinha aquele estranho, distorcido olhar no seu rosto novamente.

O que estava errado com ela? Paige estava doidona ou algo assim? Não era desconhecido dos jovens ficarem totalmente perdidos com a maconha ou em algo pior, mesmo na nossa bastante domesticada escola na Carolina do Norte. Mas Paige pareceu ótima na aula de educação física, lançando cestas de dois pontos após cestas de dois pontos, uma vez que ela era uma das estrelas no time de basquete das meninas. Eu não tinha tido tanta sorte, porque eu era um total desastre quando vinha a ser basquete. Hoje, eu consegui bater em mim mesma na cabeça com a bola quando eu tentei disparar um grotesco lance livre –com toda a classe assistindo, claro. Até mesmo os treinadores tinham rido e rolado seus olhos para mim. Yeah, eu era apenas esse tipo de perdedora, uma garota Cigana nerd, que era horrível em muitos esportes que você pudesse pensar e com uma probabilidade de uns dois que ainda não tinham sido sequer inventados.

— Então eu posso usar a sua escova de cabelo ou não? — Eu perguntei, ficando um pouco impaciente.

Eu já tinha trocado minhas roupas de educação física para o meu normal tênis e jeans. Eu também tinha aberto o meu agasalho com capuz e o colocado sobre minha camiseta da Karma Girl[2], uma das minhas super-heroínas preferidas. Talvez eu não fosse uma incômoda fashionista como as outras garotas eram, mas eu não queria voltar para a aula com meu cabelo crespo em proporções épicas.

Paige hesitou, e uma estranha emoção piscou nos seus olhos, quase como uma informação.

— Claro.

— Tudo bem, Gwen — Minha amiga Bethany Royal saltou do seu local no lugar mais longe do banco. — Você pode pegar a minha emprestada.

Paige continuou olhando para mim, e eu olhei de volta para ela, até mesmo mais desconfiada agora. Ela estava definitivamente escondendo algo — algo enorme. Talvez fosse o fato de que Drew tivesse fingido que eu fosse Paige quando ele me beijou. Talvez eu estivesse um pouco mais zangada, ciumenta, e magoada do

[2] (Karma Girl – é o nome da super-heroína de outra série dessa mesma autora)

que, do que, eu queria admitir. Talvez eu quisesse encontrar alguma forma de dar o troco em Paige, apesar de eu saber que não era a sua culpa que Drew gostava dela ao invés de mim.

Mas nesse momento, eu queria saber o segredo de Paige mais do que qualquer outra coisa. Eu sentia como se eu *precisasse* saber por alguma razão. E tudo o que eu tinha que fazer para descobrir exatamente o que ela estava escondendo era só pegar a sua escova de cabelo –aquela jogada oh- tão-perto dos meus dedos.

— Não, está tudo bem —, Eu disse a Bethany. — A escova de Paige está aqui mesmo.

Ainda olhando para Paige, eu estendi a mão, curvei meus dedos em volta da haste da escova, e esperei pela minha magia psicométrica dar o pontapé inicial, para as emoções e memórias me atingirem da maneira que elas sempre faziam.

Uma imagem imediatamente estalou dentro da minha mente — uma de Paige sentada na cama, vestindo um grosso roupão pink e agarrando a escova de cabelos em sua mão tão forte que seus nódulos estavam brancos contra a haste de madeira marrom. Depois de um momento, a porta do quarto de Paige se abriu, e seu padrasto entrou. Paige tinha me mostrado uma foto dele quando eu estive na sua casa procurando pelo seu celular, e ele era um legal, cara de aparência normal. Ele fechou a porta atrás dele, e o aperto de Paige se intensificou na escova ainda mais.

Seu padrasto veio em direção à cama, sentou-se ao lado de Paige e puxou a escova da sua mão. Paige obedientemente ficou de lado, e seu padrasto começou a escovar o seu cabelo. Okay, isso era um pouco estranho. Eu quero dizer, não era como se Paige fosse uma menininha que não pudesse cuidar do seu cabelo sozinha, então porque o seu padrasto estava penteando-o para ela? Pela primeira vez, eu comecei a ter uma péssima, péssima sensação sobre o que eu estava para ver.

Parecia que o padrasto de Paige escovava o seu cabelo eternamente, embora fosse apenas um segundo na minha mente. Então, quando ele terminou, ele deu a escova de volta para Paige, que a colocou na sua mesa de cabeceira. Paige deitou-se na cama, suas mãos apertadas juntas sobre seu estômago, seus nódulos brancos mais uma vez.

Eu pensei que seu padrasto fosse colocar as cobertas sobre ela, dizê-la boa noite, e deixar o quarto.

Ao invés disso, ele afastou as mãos de Paige e abriu o seu roupão, quase como se ele estivesse desembrulhando um presente. Então ele tirou sua calcinha, deitou-se ao lado dela, e começou a tocar Paige em todos os lugares que ele não deveria.

E foi quando eu comecei a gritar.

Eu gritei e gritei e gritei. Mas eu não podia impedir as memórias de encherem a minha mente, não podia impedir a mim mesma de ver o que o padrasto de Paige estava fazendo com ela, não podia impedir a mim mesma de sentir todo o medo de Paige e dor e sofrimento e desamparo. Uma por uma, suas emoções me atingiram, como adagas se aprofundando e aprofundando e aprofundando no meu coração — dentro de toda a minha *alma.*

Era horrível.

A coisa mais horrível que eu jamais vi e senti com minha magia psicométrica – e eu não podia fazer isso parar. Tudo ao meu redor, as outras garotas se prensando contra o dentado metal dos armários, se perguntando o que estava errado comigo. Mas tudo o que eu podia fazer era gritar e gritar e gritar ainda mais.

Paige olhou para mim todo o tempo, um olhar sombrio no seu rosto, como se ela soubesse exatamente o que eu estava experimentando. Talvez ela soubesse. Depois de tudo, eu usei meu dom Cigano para encontrar o seu celular. Talvez Paige tivesse descoberto o que eu podia fazer, como eu podia ver e sentir todas as coisas que as pessoas tentavam esconder.

Todas as terríveis, terríveis coisas.

Eu não sei quanto tempo eu gritei, mas afinal eu deslizei do banco de madeira e atingi o piso de cimento gelado, a escova de cabelos ainda apertada nos meus dedos, meus nódulos apenas tão apertados e brancos em torno dela quanto os de Paige tinham estado. Eu tentei largar a escova e descobri que eu não podia –e eu não podia parar de gritar também.

Pontos brancos começaram a piscar na frente dos meus olhos, então os pretos. Afinal, os pontos pretos sangraram se unindo e se transformaram em uma sólida parede. A parede tombou, batendo na minha mente, e eu dei boas vindas à esmagadora escuridão.

***

O baixo, firme *bip-bip-bipando* me acordou. Eu franzi o cenho. O que tinha acontecido com o meu alarme-relógio? Isso não soou como ele. E porque a minha cama estava subitamente tão dura e cheia de grumos? E os lençóis tão rígidos e ásperos? Eu me sentia como se meu cérebro estivesse recheado de algodão, mas lentamente, o dia voltou para mim. Meu fracasso no basquete. Trocando de roupa no vestiário. Falando com Paige. Pegando a sua escova de cabelo. Vendo o que o seu padrasto esteve fazendo com ela.

Um soluçar escorregou da minha garganta antes que eu pudesse impedi-lo.

— Calma, Gwen. Você está bem agora. Você está bem, querida.

Uma calorosa mão acariciou minha bochecha, e uma suave onda de amor e preocupação tomou conta de mim, como um cobertor de lã me envolvendo e mantendo-me segura de tudo –incluindo das coisas horríveis que eu vi hoje.

— Mamãe — Eu sussurrei, reconhecendo seu toque gentil.

Eu abri meus olhos para encontrar Grace Frost inclinada sobre mim. Minha mãe tinha as mesmas feições que eu tinha — cabelo castanho, pele pálida, olhos violetas — mas ela era bonita de uma maneira que ansiava ser e sabia que eu não era. Mesmo vestindo um simples terninho preto, havia uma, bem, uma graça sobre minha mãe, uma elegância que eu apenas não tinha.

— O que aconteceu? —eu perguntei.

Eu me sentei reta e percebi que eu estava deitada em uma cama de hospital, vestindo uma fina camisola de papel cinza coberta com bolinhas roxas. Tubos plásticos serpenteavam do meu pulso esquerdo sobre algumas máquinas que bipavam a minha freqüência cardíaca e outros sinais vitais. Saindo à minha direita estava uma porta aberta. Além dela, enfermeiras caminhavam para cima e para baixo em um monótono corredor, enquanto pacientes ligados aos seus confusos IV vinham atrás delas.

— Você teve uma convulsão epiléptica —, minha mãe disse. — Ao menos, foi isso o que os médicos disseram.

Eu balancei minha cabeça e estremeci quando uma maçante dor começou a palpitar atrás dos meus olhos.

— Não foi uma convulsão. Foi o meu dom Cigano. É que...Eu só...enlouqueci.

Preocupação preencheu os olhos da minha mãe. Ela era uma Cigana apenas como eu, o qual significava que ela tinha um dom como o meu. No caso da minha mãe, ela sabia se alguém estava dizendo a verdade ou não apenas por escutar as suas palavras. Basicamente, minha mãe era como um vivo, verdadeiro detector de mentiras. Yeah, sua magia tornava impossível para mim sempre que eu quisesse me safar com algo que eu não devesse. Ainda, o dom da minha mãe vinha a calhar, especialmente uma vez que ela era um detetive de polícia. Minha mãe tinha dedicado a sua vida e sua magia a ajudar as pessoas. Ela era a mais corajosa pessoa que eu conhecia, e eu queria apenas ser como ela.

Em uma voz trêmula, eu disse a ela sobre pegar a escova de cabelo de Paige e as coisas terríveis que eu tinha visto o padrasto de Paige fazer a ela. O rosto de minha mãe ficou um pouco apertado e seus olhos violetas cresceram um pouco mais sombrios com cada palavra que eu disse. Na hora que eu terminei minha estória, eu podia quase sentir a raiva exalando dela em frias ondas.

— Paige disse algo a você? — minha mãe perguntou. — Ela alguma vez mencionou o seu padrasto para você antes?

Eu sacudi minha cabeça.

— Não. Nós não somos próximas assim, e eu não o vi por lá quando eu fui até a sua casa para procurar o seu telefone.

Minha mãe tinha aberto sua boca para me fazer outra pergunta, quando uma série de familiares *chocalhar-chocalhar-chocalhares* soaram. Um momento mais tarde, uma mulher mais velha vestindo uma camisa de seda e calça preta e sapatos pisou para dentro do quarto. Ao menos, isso era o que eu pensei que ela estivesse usando. Era meio difícil dizer uma vez que camadas de coloridos echarpes cobriam seu corpo, envolvendo-a em um arco-íris de tecido esvoaçante. Brilhantes, cintilantes moedas prateadas balançavam do final das franjas e tintilaram com cada passo que ela dava. Outra echarpe segurava o seu cabelo cor de cinza como ferro para trás do seu rosto enrugado. A estola era da mesma cor violeta dos meus olhos — assim como todos os nossos olhos eram.

— Oi, chuchuzinho —, Vovó Frost disse em uma calorosa, alegre voz, vindo a ficar ao lado da cama. — Como você está se sentindo?

— Melhor, Vovó— eu disse. — Eu tive uma dor de cabeça, entretanto.

Por um segundo, os olhos de Vovó prenderam em um vazio, olhar vítreo, e algo se agitou no ar a sua volta — algo que pareceu velho, alerta, e inteligente tudo ao mesmo tempo.

— Bem, eu tenho certeza que você ficará bem em outra hora ou duas —,vovó murmurou em seu tom ausente.

Eu sabia que ela estava tendo uma das suas visões. Geraldine Frost tinha um dom Cigano apenas como o da minha mãe e eu tínhamos. No caso da minha avó, ela podia ver o futuro, algo que ela usava para fazer dinheiro extra, lendo o futuro fora da sua casa. Vovó era uma empreendedora, como eu.

Depois de um momento, os olhos de vovó Frost se focaram novamente, e a força invisível que a esteve rodopiando desapareceu. Ela olhou para mim e sorriu.

— Eu receio que nós temos um problema —, minha mãe disse, olhando para a minha avó. — Um bem grande.

Minha mãe contou a minha avó sobre o padrasto de Paige abusando dela. Logo, minha avó estava radiando a mesma raiva gelada como a minha mãe.

— O que você vai fazer? — eu perguntei.

Minha mãe olhou para mim.

— Eu vou conversar com Paige, e eu vou ver o que eu posso descobrir sobre o seu padrasto. Se ele tem uma gravação, se ele alguma vez fez isso antes. Não se preocupe, Gwen. Sem importar o que aconteça ou o que eu descubra, eu vou ajudar a sua amiga. Os deuses quiseram que você pegasse a escova de cabelo de Paige para que você pudesse ver pelo o que ela estava passando. Agora eles querem que eu a ajude.

Mamãe era um pouco estranha assim, sempre falando sobre deuses e deusas como se eles fossem reais e não apenas personagens em estórias mitológicas que ela lia para mim quando eu era uma criança. Ares, Athena, algumas mulheres guerreiras chamadas Nike e Sigyn. Mamãe chamava todos os deuses e deusas pelo nome, como se ela os conhecesse individualmente ou algo assim. Yeah, era totalmente embaraçoso sempre que ela dizia algo sobre os deuses na frente dos meus amigos, mas eu a amava tanto para ser má e dizê-la isso. Na maior parte do tempo, de qualquer modo.

— Eu vou ficar aqui e lidar com os médicos —, Vovó Frost disse. — Você vá ajudar aquela pobre garota, Grace.

Minha mãe assentiu e se virou de volta para mim.

— Adeus, querida. Eu estarei em casa essa noite assim que eu puder.

Ela tocou minha bochecha, e mais uma vez de novo, eu senti o calor do seu amor tomar conta de mim, levando todos os meus problemas com ele. Minha mãe sorriu, então deixou o quarto.



capítulo DOIS

VOVÓ FROST FICOU COMIGO no hospital. Os médicos queriam fazer mais alguns testes, principalmente tomografia cerebral, para descobrir porque eu tive tal ataque no vestiário. Claro, Vovó não podia exatamente dizer a eles a verdade — que meu dom Cigano tinha me feito ver algo tão horrível que meu cérebro tinha basicamente sobrecarregado com dor e entrado em pane. Eles provavelmente iriam querer escanear o cérebro *dela* então, se ela começasse a falar sobre minha psicometria.

Mamãe e Vovó não escondiam o fato de que nós éramos Ciganos que tinham magia, mas elas não exatamente anunciavam isso, também. Nós usávamos nossos dons, mas nós não os explicávamos para as pessoas ou nos vangloriávamos sobre as coisas que nós podíamos fazer. A magia era apenas uma parte de nós, junto com nossos olhos violetas e o nome da família Frost, e ninguém realmente sequer tinha feito quaisquer perguntas sobre nossos poderes — exceto eu.

Precisou de algum argumento da parte de Vovó Frost, mas uma vez que os médicos não encontraram nada de errado comigo, eles afinal me dispensaram naquela tarde.

Vovó me levou para casa, a qual era localizada a poucas ruas até o centro da cidade do distrito de Asheville. Eu ficava com Vovó nas noites que Mamãe tinha que trabalhar até mais tarde, então eu tinha meu próprio quarto ali. Vovó insistiu que eu ficasse na cama pelo resto do dia, mas ela me deixou ligar para Bethany.

— Gwen! — Bethany gritou no meu ouvido. — Você está bem? O que estava errado com você?

— Eu estou bem — ~~eu~~ disse. — Eu estou na casa da minha avó. Os médicos acham que eu tive uma convulsão ou algo assim. Eles fizeram alguns testes, mas eles disseram que eu estou bem. Eu vou voltar para a escola amanhã. Eu nem sequer tive um dia de folga.

— Bem, o que quer que tenha sido, foi *assustador*—,—Bethany disse. — Especialmente uma vez que você continuou gritando mesmo depois de você ter desmaiado. Você estava gritando e destruindo tudo ao redor como se você estivesse possuída ou algo assim todo o tempo. Todos na escola estão falando sobre isso.

Eu estremeci. — Eles estão?

— Oh, claro — Bethany disse. — Todos estavam mandando mensagens de texto sobre isso.

Eu suspirei. Então agora eu iria ser até mesmo mais de uma aberração do que eu já era. Gwen Frost, a garota da convulsão. Ótimo. Havia alguma chance que eu fosse encontrar um garoto para o baile do segundo ano, o qual estava acontecendo em poucos dias. Eu podia ter dado o fora no Drew, mas eu ainda estava indo ao baile, uma vez que minha mãe tinha encontrado o perfeito vestido para mim.

— E sobre Paige? — eu perguntei.

— O que tem ela? — Eu podia ouvir a confusão na voz de Bethany. — Ela estava apenas tão assustada quanto o resto de nós estava.

Eu me perguntei sobre isso, especialmente quando eu me lembrei o estranho olhar que Paige tinha dado para mim antes que eu pegasse a sua escova de cabelo, mas eu não fiz a Bethany qualquer outra pergunta sobre Paige. Ela não saberia as respostas, de qualquer forma.

Eu conversei com Bethany alguns minutos antes de Vovó entrar no meu quarto e dizer que eu precisava descansar. Eu disse a Bethany que eu a veria amanhã e desliguei. Eu gastei o resto do dia deitada na cama e lendo os quadrinhos que eu tinha escondido na minha bolsa estilo carteiro. Vovó Frost tinha parado na escola para pegar minha bolsa a caminho de casa do hospital. Ela também pegou minhas tarefas de dever de casa das aulas que eu perdi, mas eu faria essas mais tarde. Eu descobri que eu merecia relaxar um pouco.

Vovó fez um ótimo jantar de apimentada, galinha a moda do sul, molho de feijão preto, e batatas doces assadas. Para sobremesa, nós tínhamos pegajosas enchiladas[3] de doce de maça salpicadas com canela e açúcar e coberta com sorvete de baunilha. Eu não comi muito, contudo. Eu estava muito ocupada pensando em Paige e o que poderia estar acontecendo com ela.

Minha mãe finalmente ligou tarde naquela noite.

— Está feito, - ela disse em uma estranha voz. — Eu disse a Paige que eu sou sua mãe e pedi que ela falasse comigo. Ela me disse exatamente o que você viu com a sua psicometria, e eu prendi o seu padrasto.

Eu soltei um tenso fôlego. — Então Paige está bem agora?

— Ela vai ficar, - minha mãe disse. — A mãe de Paige está fora da cidade em uma viagem de negócios, então Paige e sua irmã estão ficando com alguns parentes. Eu liguei para a sua mãe, e ela está a caminho de casa nesse momento. Ela estava aterrorizada pelo o que eu contei a ela. Ela não tinha idéia que isso estava acontecendo. Ninguém tinha, exceto Paige. Seu padrasto ameaçou a começar a fazer a mesma coisa com a sua irmãzinha se Paige dissesse a alguém o que ele estava fazendo com ela.

Nós não dissemos nada por vários segundos.

[3] (enchiladas —panquecas mexicanas feitas a base de milho)

— Você fez uma coisa boa hoje, Gwen —, minha mãe finalmente disse em uma voz gentil. — Uma coisa realmente boa. Eu estou orgulhosa de você.

— Pelo o que? Furtar e gritar até arrancar minha cabeça fora?

— Você sabe o que eu quero dizer, -minha mãe disse. — Você usou a sua magia psicométrica para ajudar alguém. É por isso que nós temos nossos dons Ciganos em primeiro lugar, você sabe. Para ajudar os outros —e a nós mesmos, se nós precisarmos.

Não, eu não sabia, porque Mamãe e Vovó Frost nunca falavam de coisas como essas. Elas nunca mencionaram porque nós éramos Ciganos ou de onde a nossa magia veio em primeiro lugar. Em raras vezes quando eu tentei falar com elas sobre isso, elas ficavam completamente vagas e nervosas, apenas como faziam sempre que eu perguntava sobre meu pai, Tyr, quem morreu de câncer quando eu tinha dois.

Eu abri minha boca para perguntar a minha mãe mais uma vez sobre quem nós éramos e porque nós podíamos fazer as coisas que nós podíamos, mas ela me cortou.

— De qualquer modo, eu ainda tenho uma tonelada de papelada para terminar —,minha mãe disse. — Não espere acordada por mim. Eu vou falar com você pela manhã. Eu amo você, Gwen.

Por um segundo, eu de novo pensei em perguntá-la sobre nossa magia, mas eu sabia que ela não iria me responder. Ela nunca respondia. Além disso, ela teve um dia longo, ajudando Paige. Minha mãe soou cansada, então eu decidi não incomodá-la essa noite.

— Eu amo você, também. — eu disse, desligando.

Eu não sabia então que essa seria a última vez que eu alguma vez falaria com ela.

Eu tomei um banho, me lancei em meus pijamas, e me rastejei para cima da cama. Vovó Frost veio e me aninhou, apenas como ela fazia quando eu era uma menininha. Ela apagou a luz, e eu me aconcheguei debaixo das cobertas e caí no sono.

Meus sonhos estavam estranhos essa noite, preenchidos com espadas e figuras sombrias e um par de olhos vermelhos ardentes que pareciam me seguir sem

importar o quanto forte eu tentasse fugir deles. Nos meus sonhos, eu corri e corri e corri, carregando uma espada de prata em minha mão, mas os olhos estavam sempre ali, sempre me perseguindo. Quando eu finalmente parei de correr e me virei para encará-los, os olhos continuavam chegando, varrendo sobre mim como nuvens de fumaça asfixiantes antes que eles me engolissem completamente...

Eu acordei suando, um grito demorando em minha garganta, minhas pernas se debatendo, meu coração batendo loucamente dentro do meu peito. *Tum-tum-tum.* Eu demorei alguns segundos para perceber que tinha sido apenas um sonho e que eu estava segura e aquecida na casa da Vovó Frost. Eu estremeci. Por alguma razão, o fato de que isso fosse só um sonho não fazia nada disso menos assustador. Não essa noite.

Eu rolei e olhei para o relógio ao lado da cama. Três e trinta e sete da madrugada, mas eu sabia que eu não podia voltar a dormir, não com a imagem daqueles olhos ardentes ainda frescos na minha cabeça. A coisa estranha era que, eu não podia descobrir de onde eles tinham vindo.

Sempre que eu tocava um objeto, sempre que eu acendia as imagens e emoções associadas com isso, elas se tornavam uma parte de mim, e eu sempre podia me lembrar o que eu tinha visto. Era como ter uma memória fotográfica. Algumas vezes, quando eu estava dormindo, minha mente surfava através daquelas memórias, me mostrando algumas considerações e pedaços delas, como se eu estivesse assistindo a clips de uma dúzia de filmes ao mesmo tempo.

Mas eu nunca tinha visto antes um par de olhos vermelhos — e eu *definitivamente* teria me lembrado daqueles olhos e da sua crueldade, um brilho ardente.

Ainda um pouco vaga de sono, eu sai da cama e segui em direção ao banheiro. Vozes soaram debaixo, deslizando para cima dos degraus a mim — baixo, suave, urgente. Mamãe deveria finalmente ter chegado em casa e estava falando com Vovó. Bom.

Quando eu terminei no banheiro, eu segui para o andar de baixo à cozinha, onde Mamãe e Vovó sempre tinham as suas conferências tarde da noite com chocolate quente feito em casa e qualquer prazeroso doce que minha avó tinha fabricado naquele dia.

Mas elas não estavam na cozinha, mesmo embora as luzes estivessem acesas. Estranho. Eu não ouvi mais as vozes falando, então eu andei até o corredor e para dentro da frente de casa.

Vovó Frost estava despencada contra a porta da frente, sua mão na maçaneta como se ela tivesse acabado de fechá-la atrás de alguém.

— Vovó? — eu sussurrei, uma péssima, péssima sensação enchendo meu estômago. — Algo está errado?

Depois de um momento, Vovó Frost se virou para me encarar. Lágrimas escorrendo nas suas bochechas, preenchendo cada ruga da sua pele, e ela de repente pareceu cem anos mais velha.

Eu não era psíquica, não como a minha avó era. Eu não podia ver o futuro, mas de alguma forma, eu sabia o que ela estava para me dizer antes que ela abrisse sua boca.

— Houve um terrível acidente — Vovó Frost começou.

Eu não ouvi o resto das suas palavras.

Eu comecei a gritar de novo.

Os dias seguintes — não, as semanas seguintes — se sustentaram por uma névoa cheia de tristeza. Minha mãe se envolveu em um acidente de carro no seu caminho para casa do departamento de polícia naquela noite. Um motorista bêbado tinha aparecido de nenhum lugar e feito do seu carro um bife antes de sair dirigindo. Supostamente, minha mãe tinha morrido instantaneamente. Ela se machucou tanto no acidente que Vovó Frost se recusou a me deixar ver o seu corpo, e o caixão estava fechado no funeral.

Realmente, embora, a única coisa que eu pudesse pensar sobre isso era que minha mãe estava morta — e que foi tudo minha culpa.

Se eu apenas não pegasse a escova de cabelo de Paige depois da aula de educação física, se apenas eu não quisesse saber o que ela estava escondendo, se apenas eu não quisesse saber tão malditamente o que o seu segredo era.

Claro, o outro lado da moeda era que o padrasto de Paige ainda estaria abusando dela e ninguém saberia sobre isso. Ninguém teria ajudado Paige.

Eu não sabia que idéia me deixava mais enjoada: minha mãe morrendo porque eu tinha sido tão malditamente intrometida, ou Paige sendo machucada repetidamente porque eu não tinha sido. Os horríveis, culposos pensamentos continuavam rodopiando ao redor e redor da minha cabeça, como um maluco carrossel que eu não podia parar e não podia sair, sem importar o quanto eu quisesse.

Eu não fiz nada depois disso. Eu não voltei para a escola. Eu não fiz o dever de casa. Eu não falei com minhas amigas. Eu mal comi, e dificilmente dormi. Eu só fiquei no meu quarto na casa de Vovó Frost e chorei.

E chorei e chorei e chorei um pouco mais.

Vovó fez tudo o que ela podia para me fazer sentir melhor. Ela cozinhou para mim refeições especiais e fez para mim sobremesas especiais e me abraçou quando eu chorei. Ela me disse que não foi minha culpa, que foi apenas um equívoco dos deuses, um cruel distorcido destino que mesmo ela não tinha visto chegando com todos os seus poderes psíquicos. Deuses ou não, destino ou não, nada que ela disse me fez mudar de idéia.

A morte de minha mãe era minha culpa — e toda a culpa e vergonha eram minha para suportar.

Sozinha. Para sempre.

Uma manhã, cerca de três semanas depois do funeral da minha mãe, um bater na porta soou na porta da frente.

Estava cedo e frio para Maio, tão frio que uma camada de gelo tinha coberto tudo do lado de fora com uma fina chapa de gelo prateado. A batida soou de novo, mas eu estava muito ocupada olhando para fora da janela do meu quarto para nada em particular, para atendê-la. Além disso, era provavelmente um dos clientes de minha avó, vindos para terem a sua sorte lida. Vovó Frost tinha começado a ver as pessoas novamente essa semana, dizendo que ela precisava se manter ocupada, que ela precisava fazer algo além de sentar por aí e pensar sobre o fato de que sua filha estava morta. Ela tentou me convencer de fazer o mesmo — a fazer algo, qualquer coisa, para tirar as coisas da minha mente.

Vovó estava ferida, também, então eu fiz o meu melhor para agradá-la. Para começar, eu ajudei Vovó a encaixotar tudo da minha casa antiga e transportar até a dela, uma vez que eu estava vivendo com ela agora. Eu arrumei meu quarto apenas

da maneira que eu queria, assisti TV, e fingi ler meus quadrinhos, embora eu não pudesse me lembrar o que aconteceu de uma página colorida à seguinte. E quando eu chorei, eu fiz no meu quarto tarde da noite, onde minha Avó não pudesse ver ou me ouvir, apesar de eu saber que ela estava fazendo a mesma coisa no seu quarto descendo o corredor.

Mas nada que eu fizesse diminuiu a dor no meu coração — ou me ajudou a lidar com minha culpa sobre a morte de minha mãe.

— Gwen! — Vovó Frost gritou vários minutos mais tarde. — Venha aqui embaixo, por favor!

Então não era um dos seus clientes depois de tudo. Por outro lado, Vovó estaria ocupada dizendo a pessoa a sua sorte agora. Eu suspirei, enxuguei as últimas rodas de lágrimas do meu rosto, e me arrastei abaixo para a cozinha.

Para a minha surpresa, duas pessoas sentavam à mesa da cozinha — Vovó Frost e uma mulher com quem ela estava bebendo chá.

A mulher ergueu a azul, xícara de chá coberta de flocos de neve aos seus lábios e tomou um pequeno, preciso sorvo. Então ela abaixou de volta a xícara, posicionando-a na mesa completamente, antes de olhar para mim. Ela era pequena, com um corpo que parecia atarracado e forte dentro do seu terninho preto e camisa branca. Seu cabelo preto estava puxado para trás em um coque, e seus olhos eram de um verde suave atrás dos seus óculos cinza.

Ela me olhou por vários segundos, seu olhar demorando-se no meu rosto, como se ela não pudesse acreditar muito no que ela estava vendo. Eu não podia imaginar o que ela viu nos meus olhos remelentos e sujas, bochechas vermelhas que a interessaram tanto. Finalmente, a mulher empurrou a sua cadeira para trás, ficou sob seus pés, e estendeu a sua mão na minha direção.

— Oi, Gwen — ela disse. — Eu sou a professora Metis.

Eu olhei para a sua mão, pairando ali no espaço entre nós. Por causa da minha magia psicométrica, eu tinha que ser cuidadosa sobre tocar outras pessoas e permitir que elas me tocassem. Eu captava vívidas vibrações dos objetos, mas eu podia conseguir grandes, grandes flashes de emoções se eu tocasse a pele nua de outra pessoa. Algumas vezes eu podia ver tudo o que a pessoa alguma vez fez, de todas as coisas boas que ela realizou a todas aos sombrios, segredos distorcidos que ela mantinha guardado no seu coração. Tão ruim como tinha sido ver o que o

padrasto de Paige estava fazendo a ela, as memórias, as emoções, e a intensidade delas seriam muito pior se eu agarrasse a mão de Paige naquele dia ao invés da escova de cabelo.

— Gwen não aperta as mãos, Professora Metis — Vovó Frost disse no que quase soou como um tom de aviso.

— Claro que não — Metis disse, largando sua mão. — Eu esqueci. Meu erro. Eu peço desculpas.

Vovó gesticulou em direção a terceira cadeira na mesa. — Sente-se, Gwen. Por favor.

Eu fiz como ela pediu. Eu só despenquei para baixo quando eu percebi que minha avó tinha usado meu nome ao invés de me chamar de *chuchuzinho* como ela normalmente fazia. Eu esgueirei um olhar para Vovó Frost e percebi que seus lábios estavam pressionados unidos em uma apertada, fina linha. Ela estava quase sempre sorrindo, então porque ela parecia tão séria? Mesmo suas echarpes caiam soltas e retas em volta do seu corpo, as moedas na franja imóveis e silenciosas, como se elas não ousassem chocalhar ao mesmo tempo nesse momento.

Pela primeira vez desde que minha mãe morreu, um pouco da névoa, maçante, dolorida da culpa se dissipou da minha cabeça, e eu comecei a me perguntar quem Professora Metis era e o que ela estava fazendo aqui. Por alguma razão, eu não achei que eu fosse gostar da resposta.

Vovó Frost olhou para mim, seus olhos violeta tão sérios quanto o resto do seu rosto. — Professora Metis está aqui para dizer a você sobre sua nova escola, chuchuzinho.

Eu pisquei. Nova escola? Eu já tinha uma escola — Escola Asland — mesmo se eu não estivesse nas aulas por semanas ou dado qualquer pensamento sobre quando eu fosse voltar.

— Que nova escola? — eu perguntei em um tom cauteloso.

Metis sorriu para mim, seu dente branco contra sua pele de bronze. — É chamada de Mythos Academy. É onde eu leciono.

Mythos Academy? Isso soava totalmente pretensioso, como uma elegante, escola particular cheia de frou-frou que as pessoas ricas mandavam seus filhos mimados.

— Ela fica na Montanha Cipreste — Metis continuou, sentando de volta para baixo. — Não muito longe daqui.

Eu franzi o cenho. Eu já tinha ouvido falar da Montanha Cipreste. Era uma pequena comunidade nas periferias de Asheville, algum subúrbio das planícies elevadas da Carolina do Norte onde turistas se reuniam porque era cheio de lojas de ponta e boutiques que vendiam produtos de designer de primeira.

Mas isso não foi tudo o que eu ouvi sobre a Montanha Cipreste. Verão passado, Bethany e sua prima tinham ido a uma festa com algumas meninas que iam para escola em algum lugar ali. Bethany disse que todas as meninas eram lotadas de dinheiro, dirigindo carros caros e vestindo roupas de designers. Ela também me disse que aquelas meninas fumavam, bebiam, e transavam mais do que todos na festa — reunidos.

— E é um internato, então você estará vivendo ali no campus, vindo no outono — Metis terminou.

Pânico ondulou através de mim com suas palavras, e minha cabeça estalou em direção a Vovó Frost, quem já estava sacudindo sua cabeça de antecipação do que eu estava indo dizer.

— Agora, não se preocupe, chuchuzinho — Vovó disse. — Eu ficarei bem, e você ficará, também.

— Mas eu não quero deixar você. Eu *não posso.* — Minhas palavras saíram em uma áspera, estrangulada lixa. Lágrimas queimaram nos cantos dos meus olhos, mas eu pisquei-as para longe. — Eu não posso perder você, também.

Vovó Frost estendeu a mão e apertou a minha. Seus suaves, calorosos dedos e a correspondente sensação do seu amor por mim fez pouco para acabar com o frio que tinha subitamente infiltrado dentro do meu corpo. — Você não vai me perder, chuchuzinho. Eu vou estar exatamente aqui nessa casa velha, lendo minhas sortes normalmente. Há um ônibus que corre da Montanha Cipreste até aqui à Asheville todo dia, e você será capas de me visitar qualquer hora que você queira. Certo, Professora?

Metis se deslocou na sua cadeira. — Bem, realmente, estudantes não são permitidos partir do campus durante a semana, mas eu tenho certeza que nós podemos arranjar algumas visitas nos finais de semanas.

Uma faísca de raiva começou a queimar dentro do meu coração. Eu estava sendo despachada para algum estúpido internato, e os Poderosos Que Eram a academia achavam que eles iriam me manter longe da minha avó? Eu acho que não. Eu viria visitar Vovó Frost qualquer maldita hora que eu quisesse. Sem paredes, portões, barras de ferro, ou mais o que quer que fosse que eles pudessem ter nesse Mythos Academy que me impediria de fazer isso.

Imóvel, eu lutei para me acalmar. Talvez houvesse uma chance que eu pudesse sair do curso dessa estúpida academia.

— Mas porque eu tenho que ir a essa escola? — eu disse. — Porque eu não posso apenas voltar para a minha escola normal? Talvez no outono?

— Porque Mythos Academy não é só qualquer escola, Gwen — Metis disse. — É para crianças como você. Crianças com magia.

Magia. A palavra suspendeu no ar entre nós, e por um momento eu não estava certa se eu a tinha ouvido direito. Mas Metis continuou olhando para mim, e também Vovó Frost. Não tinha sido um engano ou um deslizar da língua. De alguma forma, Metis sabia que eu tinha magia.

— Então você sabe? Sobre meu dom Cigano? — eu perguntei em uma pequena voz.

Metis assentiu. — Eu sei. Sua avó me contou sobre isso e o...acidente com que você teve em poucas semanas atrás. Os professores na Mythos podem ajudar você a impedir que isso aconteça de novo. Nós podemos ensinar a você como explorar completamente a sua magia psicométrica, Gwen. Dentre...outras coisas.

Eu pensei que eu já tinha um muito bom controle da minha magia. Eu surtei e comecei a tremer apenas quando eu toquei a escova de cabelo de Paige, por que as memórias atadas a ela tinham sido muito horríveis. Mas o que eram essas *outras coisas,* que Metis tinha mencionado? E porque ela parecia tão ameaçadora sobre elas?

— Que tipo de jovens tem ali? — eu perguntei. — Que tipos de magia eles tem? Eles são Ciganos como eu?

Metis olhou para a minha avó de novo. — Isso varia, dependendo dos estudantes na sua formação. Mas os Vikings e Valquirias são muito fortes, enquanto os Romanos e Amazonas são muito rápidos.

Valquirias? Amazonas? Sobre o que ela estava falando? Metis soou como minha mãe. A próxima coisa que você pensaria, ela estaria esguichando sobre como os deuses eram reais.

Apesar da minha confusão, eu foquei nas suas palavras. — Fortes? Rápidos? O que você quer dizer? Fortes como se eles tivessem a força de um supino de cinqüenta quilos? Ou fortes como a força do Hulk? — eu gesticulei a uma pilha de quadrinhos no balcão.

Metis olhou para mim. — Força do Hulk. Força sobrenatural. Magicamente fortes.

— Oh.

Isso foi tudo o que eu pude dizer. A maçante dor que tinha embaçado meu cérebro tinha queimado para longe, mas ela tinha sido substituída por um nó latejante de preocupação — e mais do que uma pequena curiosidade, também. Mesmo agora, até depois da morte de minha mãe e minha culpa sobre isso, alguma pequena parte de mim se perguntava sobre esses jovens que podiam fazer coisas como eu — e que tipo de magia e segredos ele podiam ter.

Eu notei que Metis não tinha realmente respondido minha pergunta sobre se havia outros estudantes Ciganos na Mythos Academy, mas uma dúzia de outras perguntas já estalava dentro da minha mente.

— Mas como e porque...

— Me desculpe, Gwen, mas isso já está resolvido. — Vovó Frost me cortou. — Eu inscrevi você, e Professora Metis já montou os horários das suas aulas.

Metis entendeu a mão debaixo da mesa e puxou para fora uma pasta de couro. Ela a colocou no seu colo, estourou abrindo a tampa, e farfalhou pelo lado de dentro. Então ela fechou a maleta e me passou uma folha de papel. Eu olhei para isso um segundo antes de pegá-la dela.

Eu segurei minha respiração, mas eu não captei nenhuma indesejada vibração ou flashes de fora do papel. Apenas a sensação dele ter rolado através de uma

impressora a laser em algum lugar antes de Metis colocá-lo em sua pasta. Sem surpresa ali. Na maior parte do tempo, eu estava muito segura quando se tratava de tocar coisas comuns que tinham uma função específica, como canetas, pratos, ou maçanetas. As pessoas apenas não pensavam muito sobre esses tipos de coisas ou não deixavam qualquer vibração nelas. O mesmo era verdadeiro para as coisas que a maioria das pessoas usava todo dia, como computadores na biblioteca da minha escola. *Minha antiga escola agora,* eu pensei.

Uma vez que eu estava certa que não fosse obter qualquer desagradável, vibração inesperada para fora do papel, eu comecei a ler. Aulas de Inglês, cálculo, química, educação física...Meus olhos escanearam descendo a lista, parando na aula final.

— História-Mitológica? — eu perguntei. — Que tipo de aula é essa?

Metis só sorriu.

— Você verá, Gwen. Você verá. Mas nesse momento, eu temo que eu tenha que voltar para a academia. Eu tenho alguns papéis para classificar, dentre outras coisas. Eu só queria dar uma passada e me apresentar.

A professora se levantou aos seus pés. — Geraldine, é adorável ver você novamente. Eu só desejaria que as circunstâncias pudessem ter sido diferentes.

— Eu também, Professora. Eu também—, minha avó murmurou.

As duas compartilharam um triste, quase saudoso olhar antes de Vovó Frost se levantar e balançar a mão da professora. Então minha avó se virou para mim.

— Chuchuzinho, porque você não mostra a Professora Metis à saída? Eu tenho que me apronta para meu próximo cliente.

— Claro— eu murmurei, me perguntando o que estava acontecendo entre elas e porque elas tinham decidido me excluir disso. — Nesse caminho, Professora.

Metis me seguiu descendo o corredor e de volta à porta da frente. Eu a abri, e ela pisou do lado de fora. Alguma hora enquanto nós estávamos falando, o sol tinha aparecido e queimado para longe o gelo prateado, até que apenas um traço dele manteve-se nas sombras da varanda.

Eu comecei a fechar a porta atrás dela, mas Metis se virou para me encarar, um olhar gentil nos seus olhos verdes.

— Eu estou muito desolada em ouvir sobre sua mãe —, ela disse em uma voz suave.

Dezenas de pessoas tinham dito a mesma coisa para mim nas ultimas semanas, todos desde os meus amigos da escola aos outros tiras que tinham trabalhado com minha mãe. Mas por alguma razão, eu senti que Metis realmente falou sério o que ela disse — que ela realmente estava triste ao ouvir sobre minha mãe. Quase como...se ela conhecesse minha mãe ou algo. Mas isso não era possível. Eu conhecia todos os amigos de minha mãe, e Metis não era um deles.

— Eu espero que você dê a Mythos Academy uma chance, Gwen — Metis continuou. — Eu realmente acho que é o melhor lugar para você nesse momento. Para você aprender como dominar completamente sua magia...e outras coisas.

Ali estava aquele incômodo *outras coisas* de novo — aquele que ela ainda não tinha explicado. Eu abri minha boca para perguntar a ela sobre eles, mas Metis sorriu, seguiu descendo os degraus da varanda, e pisou para fora na direção da calçada. Ela entrou em uma Range Rover que estava estacionada na frente da casa e partiu.

Eu pisei na direção da varanda também e a observei virar a esquina e desaparecer de vista. De alguma maneira, eu sabia que toda a minha vida tinha acabado de mudar. Não era só o fato que eu estava sendo despachada para alguma nova escola no outono. Havia mais do que apenas isso. Eu podia sentir.

Apenas da maneira que eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso além de ir para Mythos e vir o que estava reservado para mim ali. Jovens ricos com magia, pelo soar disso. Guerreiros talvez, uma vez que Metis tinha mencionado Valquírias e Amazonas. Mas com quem ou o que eles possivelmente estariam lutando?

Por um segundo, aquele par de olhos vermelhos ardentes preencheu a minha mente de novo. Apesar da luz do sol da primavera, um calafrio deslizou subindo a minha coluna e não só por causa do assustador sonho que eu tive na noite passada. Não, eu estava preocupada sobre o que eu poderia encontrar na Mythos Academy no outono — todos os segredos que eu poderia revelar.

Segredos sobre mim mesma — e talvez minha magia, também.



capítulo TRÊS

— ISSO É REALMENTE NECESSÁRIO? — Eu murmurei.

Uma semana tinha se passado desde que Vovó Frost e Professora Metis tinham me informado que eu estaria indo para a Mythos Academy no outono. Mais cedo essa manhã, Metis tinha aparecido na casa de minha avó e anunciado que era hora para eu dar um tour na escola. Ignorando meus protestos mal-humorados, a

professora dirigiu com nós duas para a Montanha Cipreste, passando um enorme portão de ferro, em direção a propriedade da academia.

Agora nós estávamos na beirada do que Metis chamava de o quadrilátero superior — o coração da Mythos Academy. O pitoresco quadrilátero parecia com o que você encontra no campos da escola preparatória Ivy League[4]. Enormes árvores ostentando grossos, verdes, galhos carregados de folhas, bancos de ferro abrigavam-se debaixo delas nas sombras, um macio carpete de grama implantado em todas as direções.

— Eu não posso apenas olhar as fotos da academia online? —Eu murmurei algo mais. — Você já me mandou um email com o link e a senha para o Site da escola.

— Sim, Gwen, isso realmente é necessário, e não, você não pode apenas olhar as fotos online —,Professora Metis disse. – Essa é a mesma orientação que nós damos a todos os estudantes do primeiro ano, e você está tendo-a, também, apesar de com dezessete você estaria classificada no segundo ano. Agora, me acompanhe. Nós temos muito da propriedade para envolver hoje.

Metis pisou em direção ao caminho de paralelepípedos cinza que faziam um enorme círculo em volta do quadrilátero e começou a andar em um lento, vagaroso passo. Eu suspirei e marchei atrás dela.

— Esses cinco prédios são aonde você irá gastar a maior parte do seu tempo. História-Inglesa, Ciência- Matemática, o salão de jantar, o estádio, e claro, a Biblioteca de Antiguidades. — Metis disse.

Ela apontou para as estruturas apropriadas enquanto nós as passávamos, mas todas elas pareciam o mesmo para mim – prédios de pedras cinza escura coberto com heras de vinhas verdes onduladas. Cada um exibia uma variedade de torres e varandas, fazendo-os parecerem como parte de algum set de filmagem de um filme de terror Gótico ao invés de uma elegante escola particular. Eu meio que esperava relâmpagos irregulares subitamente estalando no céu, zunindo para baixo, e batendo em cima do topo de uma das pontiagudas torres.

Isso não aconteceu, mas quanto mais eu olhava para os prédios, mais eu percebia que havia algo...sinistro sobre eles. Não tanto os prédios por si só, eu acho, mas o conjunto de estátuas que os cobriam.

---

[4] (Ivy League - é um grupo de oito universidades privadas do Nordeste dos Estados Unidos da América. São elas Brown, Columbia, Cornell, Harvard, Princeton, Yale, Dartmouth College e da Pensilvânia)

Grifos, gárgulas, dragões, um Minotauro pesadão. Me levou um minuto para perceber que todas as estátuas eram cravadas nos formatos dos monstros mitológicos saídos direto das estórias para dormir que minha mãe costumava ler para mim. As estátuas eram feitas de alguma pedra cinza escura assim como os próprios prédios, mas por alguma razão, seus dentes e garras e talões brilhavam no raio de sol quente da primavera. Eu pensei que o arquiteto tinha levado o nome, *Mythos Academy* um pouco muito literalmente. Monstros mitológicos não existiam, sem importar o quanto reais e naturais as estátuas parecessem ou como seus abertos, olhos sem pálpebras pareciam seguir cada movimento meu...certo? Eu não estava tão certa da resposta agora. Eu estremeci e larguei meu olhar do par de olhos particularmente ferozes dos grifos plantados em ambos os lados dos degraus da biblioteca.

Antes que eu pudesse perguntar a Metis o que acontecia com as estátuas assustadoras, outro professor se aproximou e começou a falar com ela. Eu enfiei meus tênis dentro do caminho de grama e foquei nas outras coisas que eu podia ver no quadrilátero – os estudantes.

Uma aula devia ter acabado de terminar porque jovens de todos os formatos, tamanhos, e etnias fluíram em direção ao quadrilátero, gargalhando, conversando, e mandando mensagens de texto nos seus celulares. Metis tinha me dito que os jovens na Mythos variavam de idade no primeiro ano, estudantes de dezesseis anos de idade indo para o sexto ano, estudantes de vinte e um anos de idade –mas ela não tinha me dito o quanto rico eles eram. Mesmo os jovens mais ricos na minha escola antiga não podiam afrontar com os nomes de marca que eu vi costurado nas bolsas, camisas, jeans, e tênis que os jovens aqui vestiam e carregavam. Sem mencionar os relógios de platina que brilhavam nos pulsos e os diamantes cravados que piscavam nas orelhas.

Uma garota da minha idade parou no quadrilátero a poucos metros de distância de mim, escrevendo no seu celular. Ela era linda, com cabelo loiro, pele de coloração âmbar, e olhos pretos, mas o que realmente captou minha atenção eram as faíscas pink de princesa dançando no ar a sua volta como borboletas. Seus dedos digitavam sobre as teclas do seu celular, e eu percebi que as faíscas estavam realmente se disparando dos seus dedos como miniaturas de fogos de artifícios.

E ela não era a única com dedos que saíam faíscas e luzes cintilando em volta do seu corpo. Verde, azul, dourado, vermelho. Todas essas cores e mais tremeluziam no ar, como se os jovens ao meu redor estivessem chutando nuvens de confeito de brilho enquanto eles andavam de um lado do quadrilátero ao outro.

Eletricidade zumbia no ar, e eu pude sentir o poder naqueles flashes de cores – e nos próprios jovens.

Magia, eu pensei com um sobressalto. Aquelas fendas e chiados e faíscas eram *magia.* Não magia como eu tinha, mas um poder supernatural contudo. Eu não tinha acreditado muito em Metis quando ela clamou que havia outros jovens ali fora como eu, jovens que podiam fazer coisas incríveis, mas agora eu estava vendo isso por mim mesma.

A garota loira com o celular terminou sua mensagem de texto e olhou para cima, captando meu olhar para ela com olhos amplos. – O que você está olhando? – ela estalou.

— Daphne! — outra garota gritou do outro lado do quadrilátero.

Daphne olhou para mim uma última vez, então gesticulou sua mão para a outra garota e começou a andar em direção a ela. Eu pensei sobre chamar Daphne e perguntar que tipo de magia ela tinha, de onde essas faíscas pink de princesa vinham, e o que ela podia fazer com elas, mas eu queria sentir como uma total idiota.

Metis terminou a sua conversa com o outro professor e se virou de volta para mim. Ela não pareceu notar o olhar atordoado no meu rosto. — Que tal um tour na biblioteca a seguir?

Tudo o que eu pude fazer era apenas acenar com a minha cabeça e segui-la.

Metis me guiou passando as duas estátuas de grifos, subindo os degraus da biblioteca, atravessando as portas da frente, e descendo um pequeno corredor. Nós pisamos dentro da parte principal da biblioteca, a qual tinha o formato de uma enorme cúpula. O teto era recortado todo o seu caminho ao topo, e eu arqueei o meu pescoço para cima, tentando ver o que estava nos andares superiores, mas tudo o que eu podia realmente ver eram densas sombras.

Metis caminhou descendo um largo corredor central e passou várias mesas de estudo. Um balcão de registro dividia um lado da biblioteca do outro, junto com vários escritórios envidraçados.

v Essa é a Biblioteca das Antiguidades — a professora disse, espalhando suas mãos para fora. —Isso não é maravilhoso?

Era um tipo de maravilha, embora eu nunca fosse admitir isso a ela. Era a maior biblioteca que eu já vi, abarrotada com mais livros do que eu jamais sonhei

que existissem. Prateleiras e prateleiras de livros alongadas para dentro dos confins da sala abobadada, junto com uma série de caixas de vidros, o tipo que você vê nos museus. Eu apertei meus olhos para a caixa mais próxima, tentando descobrir o que estava dentro dela. Era aquilo uma...espada? Estranho. Porque haveria armas na biblioteca?

Mas minha atenção foi rapidamente capturada por algo mais — as estátuas que anelavam toda a galeria do segundo andar. Finas, colunas estriadas separavam as estátuas, as quais tinham grosseiramente nove metros de altura e feitas com mármore que brilhava na escura luz. Para minha surpresa, elas não tinham o formato como os monstros dessa vez.

Não, essas estátuas eram dos deuses.

Eu reconheci um pouco das estatuas das estórias e figuras que minha mãe tinha me contado e me mostrado, a maior parte deuses Gregos como Zeus, Athena, e Poseidon, e deuses Nórdicos como Odin com seu único olho. Mas meu olhar continuou deslizando de volta para uma estátua em particular –uma deusa com um par de asas arqueadas para cima sobre suas costas e uma coroa de louros descansando na sua cabeça. Os olhos da deusa pareciam encarar direto para mim, apenas como aqueles monstros tinham feito do lado de fora no quadrilátero, e eu tive dificuldade em afastar o olhar da sua fria beleza.

— Quem é essa? — Eu perguntei a Metis, apontando para a estátua.

— Nike, e deusa Grega da vitória —,a professora disse. — Você vai aprender sobre ela e todos os outros deuses na minha aula de história-mitológica. Agora, vamos. Há alguém que eu quero que você conheça.

Metis me conduziu até o balcão de registro e espiou para dentro de um dos escritórios de vidro que configurava atrás dele. Um homem com cabelo pintado de preto, olhos azuis, e pele pálida sentava no escritório maior, falando no telefone e batendo uma caneta na sua mesa com sua mão livre.

— Esse é Nickamedes. Ele é o bibliotecário-chefe —, Metis disse. — Você estará trabalhando com ele.

Ao acréscimo em me fazer mudar de escola, os Poderosos Que Eram a academia aparentemente pensavam que eu precisava de um trabalho após a escola, também. Metis tinha largado essa pequena granada explosiva em mim ao caminho daqui essa manhã. Era ruim o bastante que eu tivesse que deixar meus amigos para trás para vir para a Mythos, mas me fazer ter um emprego, também? Isso era *tão*

injusto. Além disso, eu já tinha um emprego – encontrar itens perdidos para os jovens –embora eu não tivesse mencionado isso a Mentis.

A professora gesticulou para Nickamedes para obter a sua atenção, e ele gesticulou de volta. Ele sorriu para Metis, mas então seus olhos cintilaram para mim, e sua expressão mudou completamente. Seus olhos escureceram, e sua boca comprimiu em uma carranca. Se houvesse tal coisa como ódio à primeira vista, pareceu que Nickamedes tinha por mim, e eu não tinha nenhuma idéia do por que. Eu olhei de volta para ele. Eu não queria estar aqui não mais do que ele me queria aqui.

— Uma vez que ele está ocupado, nós vamos voltar mais tarde —,Metis disse, aparentemente não vendo o mesmo olhar de desdém no rosto do bibliotecário que eu vi. — Há mais uma coisa que eu quero mostrar a você.

Nós deixamos a biblioteca e seguimos até o prédio que ela apontou mais cedo como o ginásio. Não era tão grande quanto a biblioteca, mas era impressionante do mesmo jeito. Banners anunciando o campeonato da academia em vários esportes como tiro ao arco, esgrima e natação pendiam para abaixo das altas vigas acima das nossas cabeças. Eu olhei os tecidos coloridos. Esgrima? Sério? Eles ensinavam isso aqui? Porque?

Eu sacudi minha cabeça e olhei para o resto do ginásio. Lustrosas arquibancadas de madeira se projetavam de duas paredes e se uniam contra os grossos capachos que formavam o chão. Os capachos se esticavam para a parede mais distante, a qual era coberta com algo um tanto surpreendente — armas.

Prateleiras e prateleira de armas — espadas, adagas, estrelas de lançamento, varas, machados, uma variedades de arcos e flechas para corresponder. Mais armas que eu já tinha visto antes em outro lugar.

Mas a coisa realmente assustadora era que os jovens as estavam usando.

Duas dúzias de jovens em volta de um dos capachos, segurando armas e observando dois caras lutarem com espadas. Ao menos, isso era o que eu pensei que estivesse acontecendo, tão ridículo quanto parecia. Metis me notou levantando nas pontas dos pés, tentando ver o que estava acontecendo. A professora subiu na metade da arquibancada e gesticulou para que eu fizesse o mesmo, então eu poderia ter uma visão melhor.

Eu não tinha imaginado coisas. Lá em baixo, dois caras que pareciam ter a minha idade estavam tentando cortar um ao outro em pedaços com longas espadas.

Clang- clang-clang!

As lâminas de metal colidiam unidas em um rugido furioso, tão alto e afiado que me fez querer cobrir meus ouvidos. Mas eu não podia desviar o olhar da batalha simulada. Para trás e para frente, os dois caras lutavam, atacando e recuando, cada um tentando obter a vantagem.

Meus olhos travaram em um dos caras. Ele tinha espesso cabelo preto, um corpo totalmente musculoso, e ele oscilava a sua espada como se ele soubesse exatamente o que ele estava fazendo com ela. Ele tinha poder e graça e elegância, e eu podia ver o intenso foco queimando dentro dos seus olhos azuis mesmo daqui de cima na arquibancada. Eu não sabia nada sobre armas, mas mesmo eu podia dizer que ele era o melhor lutador. De novo e de novo, ele atacou, enquanto tudo o que o seu oponente podia fazer era tentar sair do seu caminho zumbindo a espada.

Finalmente, o segundo cara não foi rápido o bastante. O primeiro cara, o lutador, arrancou a espada do oponente, então pisou adiante, sua lâmina um centímetro de distância da garganta do outro cara. Eu pisquei, me perguntando como alguém poderia se mover tão rápido.

Os outros jovens observando a batalha começaram a bater palmas, e o vencedor deu um pequeno floreio com sua espada e se inclinou para seus colegas de aula. Um sorriso espalhou no seu rosto, e eu percebi apenas o quanto exuberante ele era – o tipo de cara que podia fazer você ficar sem fôlego sem nem sequer tentar.

— Bom trabalho, Logan.

O elogio veio de um grande, homem corpulento em pé na beirada do capacho. Ele era até mesmo mais musculoso do que Logan e parecia como se ele pudesse quebrar tijolos somente com suas mãos. Ele vestia uma camisa pólo branca, short, e tênis, e um apito pendurado em volta do seu pescoço.

— Esse é o Treinador Ajax —Metis disse, apontando para o homem corpulento. — Ele é responsável por treinar todos os estudantes da Mythos. E o Espartano que acabou de vencer a luta de espada é Logan Quinn.

Espartano? Como um tipo antigo de guerreiro de Esparta? Minha mente girou, tentando fechar com trinco todas essas novas idéias e adaptar-se a elas com o que eu sabia do mundo, mas eu não estava tendo muito sucesso.

Logan andou até a arquibancada inferior, agarrou uma toalha dos degraus, e enxugou o suor do seu rosto. Ele me notou olhando para ele, e nossos olhos se prenderam, o seu um brilhante azul e o meu um confuso violeta. Ele me deu um

sexy sorriso antes de se afastar para falar com um dos seus amigos. Um minuto mais tarde, Logan pegou sua espada de novo e pisou de volta para dentro do anel de jovens para lutar com alguém mais.

Metis e eu ficamos onde nós estávamos observando o Espartano vencer outra batalha. Depois disso, os jovens se dividiram em pares e começaram a lutar com cada um com armas variadas. Técnico Ajax andou de um par ao próximo, oferecendo dicas, sugestões, e elogios.

— Então a aula de educação física é realmente o que está aqui? Treinamento de armas? — eu perguntei. — Porque?

— Porque é para isso que você está aqui, Gwen — Metis disse em uma voz séria. — Para o que todas as crianças estão aqui. Para aprender como usar armas. Para aprender como lutar. Para aprender como se proteger e as pessoas que você ama.

— Proteger a mim mesma do que? — eu perguntei. — O que está lá fora que é tão ruim?

Metis hesitou.

— Eu acho que essa é uma discussão que é melhor nós deixarmos para um outro dia. Depois de tudo, nós não queremos assustar você para longe, antes que o semestre do outono comece.

Ela tentou sorrir, mas seus lábios não subiram muito todo o trajeto. Depois de um minuto, ela desistiu de tentar e desviou o olhar de mim.

Eu pensei sobre todas as coisas estranhas que eu tinha visto hoje. Os escuros, prédios Góticos, os jovens exalando faíscas de magia, as assustadoras estátuas de monstros, aquelas dos deuses e deusas na biblioteca, e agora dois caras entrecortando um ao outro com espadas. Eu estava começando a pensar que talvez Mythos Academy fosse exatamente o que Metis tinha clamado que fosse — uma escola de prodígios jovens guerreiros. O pensamento causou um arrepio subir minha coluna e me preencher com confusão ao mesmo tempo.

Se Mythos fosse uma escola para prodígios jovens guerreiros, então o que eu estava fazendo aqui? Eu não era um guerreiro, e dado o quanto eu era uma droga na aula de educação física na minha antiga escola, todo o treinamento do mundo não iria me transformar em um.

— Vamos — Metis disse, ficando aos seus pés. — Eu vou levar você até o salão de jantar, e então nós vamos voltar à biblioteca para que você possa finalmente conhecer Nickamedes.

— Eu não posso esperar — eu murmurei, mas a professora não me ouviu.

Metis começou a descer os degraus da arquibancada, e eu levantei a seguir. Ela se empurrou através das portas e esperou, segurando uma aberta para mim. Mesmo embora eu soubesse que eu estava enrolando, eu não pude evitar de espiar mais um olhar sobre meu ombro para o cara Espartano –Logan.

Ele me notou olhando para ele e me deu um lento, sugestivo piscar. Ele estava...ele estava me *paquerando*? Ele nem sequer me conhecia.

— Logan! — Treinador Ajax gritou. — Você está de pé novamente!

Logan inclinou a sua cabeça para mim mais uma vez, então se virou para encarar o seu próximo oponente.

— Gwen? — Metis chamou da entrada da porta. — Você está vindo?

— Yeah —eu disse, arrancando o meu olhar do Espartano. — Eu estou indo.

Eu segui a Professora Metis para fora do ginásio e de volta ao quadrilátero principal. Meus olhos vagaram sobre a paisagem. Eu vi as mesmas coisas que eu tinha visto quando eu pisei pela primeira vez em direção ao quadrilátero. Árvores. Galhos. Prédios. Estudantes. Estátuas.

Isso tudo parecia inocente o bastante à distância, mas havia mais aqui do que encontrava meus olhos. Eu não tinha que tocar em algo ou usar meu dom Cigano para descobrir isso. Eu podia *sentir* lá no fundo dos meus ossos.

Eu não queria saber por que eu estava sendo despachada para a Mythos Academy ou como eu deveria me encaixar com os jovens ricos e as armas que eles empunhavam com tal habilidade, mas uma coisa estava certa – minha vida nunca iria, jamais ser a mesma.

a série Mythos Academy continua no livro 01 - Touch Of Frost.

Papyrus

Traduções de Livros



Tradução/Revisao: Joana

Formatação: Shadow Hunters

Qui sait beaucoup ne craint rien.

"Do muito saber vem o nada a temer."